



SEVILHA.

Esta cidade, capital do reino d'Andaluzia, está assentada em uma grande planície, na margem esquerda do Guadalquivir, e é das mais antigas, bellas, e consideraveis cidades de Hespanha. Sede de arcebispo, Sevilha possui uma universidade celebre, e grande e magnifico porto. Entre os seus edificios avulta a egreja metropolitana, que é a mais regular de todo o reino visinho; o palacio real, a praça do commercio, o convento, pertencente aos religiosos de S. Francisco, o aqueducto, e alguns outros edificios. Sevilha tem as ruas estreitas, e tortuosas, no que deixa adivinhar a dilatada posse arabe.

Grande numero de hospitaes, bem dotados, attestam os progressos da caridade em Sevilha.

Além de possuir immensas fabricas de estofos de lã e seda, marroquins, coiros, fundições de ferro, etc., produz fructos em tal abundancia, que, seccos, formam uma parte importante do commercio que ahi se faz. Emfim, a capital da Andaluzia abunda não só no que é necessario á vida, senão no que constitue esta agradável.

Foi berço de Bartholomeu de las Casas, Cervantes, Arias Montano, e outros que illustraram a Hespanha com seus escriptos.

A população de Sevilha é, aproximadamente, de oitenta a noventa mil habitantes.

INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Continuação.

Já se disse (no cap. 4.º tom. 1.º) que a provincia do Norte se perdeu no tempo que a go-

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

vernava D. Luiz Botelho, sendo atacada no anno de 37 e rendida a capital de Baçaim no de 39. O pouco conhecimento do paiz e menos experiencia, que das maximas do inimigo tinha o general, e a muita confidencia que fez do interprete bramene idolatra, e espia do maratá, foi a primeira causa motiva d'esta tão sensivel perda, sendo logo a segunda impulsiva o ter Chimanangy Apá previsto, que completas as obras da nova praça de Tanam, se fazia mais ardua e talvez impossivel a execução dos seus projectos, pelo que pondo de uma parte da fiel balança do discurso a representada difficuldade, e da outra contraria a summa conveniencia d'esta conquista, e achando propender mais o seu interesse intrepidamente, e com resolução vadeou o braço secco do rio, e a poucos passos se fez senhor do convento de Santo Agostinho, sem encontrar precaução que lhe podesse estorvar os arrojões de sua deliberação.

Com accelerada presteza se embarcou o general com duas unicas companhias de granadeiros, que tinha de guarnição, e desamparando o logar, se retiraram para a capital de Baçaim. A este general succedeu logo Antonio Cardim de Foyos, nomeado pelo povo e conselho do estado, com beneplacito do vice-rei. As heroicas acções que na India obrou este prestantissimo varão, immortalisaram as memorias do seu nome, mas sem embargo de ter logrado felizes applausos, se viu precisado voltar para Goa, deixando encarregado do governo a Pedro de Mello, que proseguiu no commando com tão esforçado valor, que ainda hoje lamenta o estado a sua morte, causada de uma bala de artilharia que recebeu na infructuosa derrota, que fez para restaurar a fortaleza de Tanam. Substituiu o logar Martinho da Silveira de Menezes segunda vez general.

Dissuadidos já os maratás de conseguirem a

OUTUBRO, 9, 1858.

conquista de Baçaim, havendo experimentado por mais de dois annos o sitio com graves incomodos, e mortandade de sessenta mil homens em varias escaladas, e repetidos encontros, que com as tropas portuguezas tiveram; assentaram em conselho negociar paz incitada por frequentes ordens, que a esse respeito expediu o rei Xau Roza ao seu general Chimanangy Apá. Mas como as desgraças costumam madrugar mais que as proprias felicidades, valorosamente acabou a vida o general Martinho da Silveira famoso heroe, e amante patricio, assaltado de uma bala de artilharia, que recebeu na barriga, rondando as muralhas, e com a sua morte ficou tambem sepultada a esperanza de resistirem por mais tempo ao sitio em que se achavam postos.

Caetano de Sousa Pereira, official de maior patente, tomou logo posse do governo; não sei se por sobras de descuido, ou se por falta de soccorro deram os maratás fogo á mina, cuja obra té então não podiam proseguir pelos estorvar a vigilancia do general Martinho da Silveira. Depois de alguma resistencia se concluíram honrosas capitulações entregando-se aos maratás a capital do Norte, e com ella o senhorio de toda a provincia e o unico celleiro de Goa. Admirado, sobre sentido, ficou Chimanangy Apá, quando viu, que só se retiravam duzentos soldados portuguezes entre sãos, doentes e feridos, e muito mais impaciente em considerar que tão pequeno numero de lusitanos houvesse causado tão grande destruição nas suas tropas, deixando quasi desertos os paizes do reino de Satará, que ainda hoje lamenta o estrago de tantas casas, e não menos a falta de pagamentos aos mercadores gosahins, dos dinheiros que Chimanangy Apá lhes havia tomado de emprestimo, para sustentar a guerra contra a vontade de seu rei Xau Roza.

A toda a India constou o occulto soccorro que aos maratás concedeu João Orne general de Bombaim como fica dito (cap. 4.º do 1.º tomo). Depois de entrados estes na praça de Baçaim e reparados os muros e brecha com engenheiros inglezes expressamente mandados pelo mesmo general, expediu o vice-rei disfarçadamente a D. Antonio Henriques, afim de descortinar os concertos feitos, e sondar os animos dos habitantes da praça, e n'ella descobriu facil caminho para uma escalada pela achar sem guarnição sufficiente para a sua defesa, e muita parte mal satisfeita do governo maratá.

N'esse tempo andava o vice-rei embaraçado com as guerras do Bonsuló, e os maratás se achavam então opulentos, sobrados de cabos, e cabedaes e sem disputas de familia, e não como hoje necessitados de todo: a causa principal, que tiveram os inglezes para soccorrer aos maratás na tomada da provincia do Norte não foi mais, que sollicitarem interesses para a sua companhia, por lhes ficar conveniente a extracção de Bombaim dos generos que costumam mercar os maratás com pouco risco e sem despendio, e talvez interessados pelo decurso de tempo descobrirem

meio de dominar a fertil ilha de Salcete, com cuja posse melhor seguravam a subsistencia de Bombaim. Varias vezes intentaram por negociação conseguir esta conveniencia, mas sempre se oppoz o estado. O general Orne foi conduzido preso para Inglaterra, procurando d'este modo os directores da companhia resarcir os prejuizos que haviam consagrado á corôa de Portugal no estado da India: nenhum outro castigo recebeu, e só Goa ficou experimentando té hoje a maior decadencia no commercio, além da grande falta de mantimentos.

D'estes infortunios dos portuguezes se aproveitaram os maratás para sitiar Goa, e Chaul, pondo-as em tal consternação que a não ser o auxilio da omnipotente mão, infallivelmente conseguiriam a entrada da ilha capital, e unica que lhes restava, onde já por industrias dos gentios habitantes lhes tinham introduzido alguns cipaes dos inimigos, que logo com presteza foram expulsados. Estavamos na posse da praça de Agoada, e Mormugão posto que sem tropas, e mantimento para as defender. O Angriá, n'esse tempo pirata d'aquelles mares, vendo a provincia do Norte sujeita ao dominio maratá, receoso do grande prejuizo, que lhe resultaria se Goa padecesse o mesmo jugo, por respectivas conveniencias, depois de varios combates navaes com as nossas naus de guerra, favoreceu as embarcações, que conduziam o sustento para os seus defensores; ainda que lhe custou caro o disfarçado favor, pois passados poucos annos d'este successo, marcharam os maratás alliados aos inglezes e não só lhes conquistaram Griem capital de Angriá, mas tambem extinguiram a familia do chefe sem que lhe ficasse successão para disputar a posse.

Os clamores do povo de Satará e os despendios de cabedal com as repetidas ordens do rei Xau Roza foram estimulos forçosos para obrigar a Chimanangy Apá a fazer pazes com o estado de Goa (*) ficando senhor das provincias do Norte com praças, e terras de Chaul, que por ajuste se lhe entregaram, bem contra a vontade dos seus habitantes, que promettiam defendel-as como valorosamente o haviam já feito, contra os moiros, e os mesmos maratás. A prata das egrejas e conventos se reduziu a moeda para saciar a cubiça dos maratás, e com este recebimento se pozeram em marcha para Satará, e Poem, depois de susterem tres annos de guerra.

Os visinhos bonsulós costumados a invadir sempre a provincia de Bardez, tanto que sentem em marcha os maratás contra Goa, anticipam os passos para mostrar que são d'elles mais affectivos, que dos portuguezes; mas, que lisonjeiros se portam estes amigos do seu proprio interesse, quando só para se aproveitarem das pilhagens da provincia de Bardez, é que se fingem affectuosos amantes, sendo na realidade sollicitos no lucro!

(*) N'esta mesma occasião rompeu guerra aos maratás o principe Nizam Moluco.

Depois de concluidas as pazes, e retirados os maratás, se deixaram ficar os bonsulós nas mesmas terras pretendendo também receber alguma grande somma de dinheiro á vista de seus alliados para effeito de sairem da provincia. A esse tempo aportou á barra de Goa o vice-rei marquez de Louriçal com armada e soccorro, e tomada a posse marchou logo contra aquelles ambiciosos inimigos, que em breves horas se viram obrigados a desamparar o logar, deixando-o porém na maior parte assolado; e para prevenção do futuro, e reparo do povo em outro semelhante inconveniente, deu principio a uma cida- dela no alto da montanha de Chaporá, como fica dito (tomo primeiro).

No cap. 4.º do mesmo tomo se disse, que a provincia de Bardez ficaria ilhada, havendo de tomar-se o expediente de romper o pequeno terreno, que medeia entre o rio Tivim, e Chaporá em igual distancia dos muros de Coloale. Se os governos passados tiveram posto em execução esta tão util como conveniente obra, sem applicar ouvidos aos limitados prejuizos, que presuppunham talvez os que receavam perder alguma braça de terra n'aquelle rompimento propinquo aos mesmos muros, não se veriam obrigados os vice-reis Caetano de Mello de Castro, e o marquez de Louriçal, a mandarem atravessar por aquelle terreno sobre rodas, pequenas embarcações do rio Tivim ao Chaporá para defenderem o passo e impossibilitar a este visinho inimigo de tornar a invadir as terras pelo mesmo logar. Com a comunicação d'estes dois rios ficará tudo seguro, e bem defendido, as nossas armadas de remos gosarão em todo o tempo passagem, e os bonsulós experimentarão menos resolução nas suas empresas.

Sem embargo de se terem retirado os maratás muito á satisfação dos seus interesses, não deixaram com tudo de tornar com um pequeno exercito sobre a provincia de Pondá, sequiosos da vizinhança de Goa, como bem succedidos na de Galiana Beundim contigua á do Norte, por muito lhes facilitar a sua desejada conquista. A proximidade de Pondá os incitou novamente a invadir pelos mesmos caminhos a de Salcete de Goa, com grave prejuizo dos seus habitantes.

Muitos vice-reis entraram no projecto de conquistar a provincia e praça de Pondá para desviar todas estas inquietações, mas sempre experimentaram infelizes successos nas suas operações militares, (*) entrando n'este numero o conde de Alvor, que antes de dar principio á empresa se preveniu com a novena de S. Francisco Xavier, e com a offerta da mercê de duas aldeas á casa professa do Bom Jesus, sitas no mesmo terreno de Pondá. Este mesmo exemplo seguiu o vice-rei Francisco José de Sampaio na marcha que fez a conquistar Colabo ao Angriá,

(*) O vice-rei Nuno da Cunha também foi infeliz n'esta provincia porque em Borim foram passados á espada quatrocentos soldados do seu governo.

e logrou a mesma infelicidade que teve o seu exemplar.

Os denominados padres da sociedade, tanto que o vice-rei conde de Alvor marchou a por sitio á praça de Mordangór, capital da mesma provincia, tomaram logo posse das decretadas aldeas, julgando seguros os fructos, que infallivelmente esperavam para o que tinham feito despendios. De algum modo concorreram estes interessados para o infeliz exito da intentada conquista, por não consentirem logo, que os gastadores do exercito portuguez cortassem as arvores nas suas aldeas, retardando por este meio o sitio, e abusando da bondade do vice-rei.

Por varias negociações contratadas com o rei Sunda, pretendeu o vice-rei conde de São-Domil apoderar-se da provincia de Pondá, mas como esta cõrte lhe embaraçava os tratados, que diziam respeito a favor do estado, nada podia conseguir.

N'este intervallo deram os maratás principio á sua tão anhelada marcha para a provincia do Norte como já fica dito. Em todas as occasiões, que estes inimigos assentaram invadir os domínios de Portugal, sempre romperam pelos districtos de Pondá, como em seu logar se dirá. Por essa razão projectaram os governos da India a tomada d'estes caminhos para lhes dificultar os passos ás suas invasões.

Ponderando o marquez de Louriçal, os incommodos de todos estes procedimentos e lembrado dos infaustos successos, que tiveram as armas de Portugal, na campanha da mencionada provincia de Pondá, mandou marchar as tropas compostas de seiscentos e trinta europeus, dois morteiros, e quatro peças de amiudar, commandadas pelo tenente coronel de artilharia engenheiro Christovão de San-Martin, e novecentos cipaes, nomeando á Manuel Soares Velho por seu general, e no logar de tenente a D. Adriano de Gavila, e por commandante do campo a tenente coronel João Manuel Corrêa de Lacerda.

Marcharam estas luzidissimas tropas pela provincia de Salcete, e foram fazer alto na planicie de Cacorá. Ao romper das primeiras luzes da aurora foram presentidas pela guarda avançada do campo maratá, pelo que (em ausencia do general) ordenou o Gavila se destacassem oitocentos cipaes a ganhar um passo estreito, que mediava antes da passagem do rio, a tempo que se achavam unidos ao campo portuguez Ramgy Nayram, e Deu Pan, cabos de mil e oitocentos cipaes, que rebellados contra o general maratá haviam tomado o serviço do estado.

No ultimo tratado da alliança concluida entre o vice-rei, e o Sunda se tinha este obrigado a fazer marchar sete mil cipaes em soccorro dos portuguezes commandados pelo general Calapaya, o qual sendo despedido, em satisfação do compromettido ajuste, supersticiosamente augurado de ver um milhano de pescoço branco atravessar o caminho da parte direita á esquerda, de repente mandou suspender a dirigida mar-

cha que levava, e do mesmo sitio da sua subsistencia immovel observou de cavallo todos os procedimentos da batalha. Estas e outras superstições d'este genero, lhes tem causado grandes derrotas, por se quererem mostrar rigorosamente observantes dos preceitos da sua lei.

Certificado o general maratá de que os portuguezes marchavam empenhados a passar o rio, partiu com todo o seu exercito, que constava de vinte mil homens, entrando n'este numero em maior parte a cavallaria. Ordenou logo se guardasse o passo estreito, que achando-o já preoccupado dos cipaes do estado, com elles disputou largo tempo, sem poder ganhar o posto, o que vendo o general, determinou atacar por todos os lados o corpo portuguez com a cavallaria, e tirando pouca vantagem d'esta sua resolução, por causa do violento fogo de uma praça vasia, e da mesma artilharia, se retiraram os maratás com tão precipitada derrota, que tornaram a passar o rio, seguidos pelas nossas tropas com muito boa ordem: não obstante porém o fogo da sua artilharia, que com cinco peças faziam para a mesma passagem, se puzeram os portuguezes da outra parte do rio, e com tão repentino valor atacaram o campo maratá, que os proprios defensores se viram obrigados a desamparal-o, deixando os despojos dos saques pouco antes feitos no dominios de Goa.

Depois d'esta accelerada derrota montaram o Gate Digny de Pondá, e despejaram logo toda a provincia. A primeira praça, que se rendeu ás armas de Portugal foi a de Sanguem, onde encontraram liberdade muitos mercadores opulentos de Salcete, que n'ella se achavam detidos em prisão pelos maratás na esperança de receberem pelo resgate alguma grande contribuição: saíram tambem livres n'esta occasião as familias dos dois cabos Ramgy Nayram e Deu Pan.

Por ordem do vice-rei foi demolida esta praça, e na revista que se passou ás tropas por ordem do general Manuel Soares Velho, se descobriram onze mortos, e dezoito feridos: dos inimigos porém foi a perda mais avultada, por passarem de quinhentos os mortos, setecentos feridos, e muitos prisioneiros.

Continua.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ, DUQUEZA DE SABOYA.

Continuação.

Braceletes.

Um bracelete de duas saramantigas de oiro, que tem seis diamantes e dois rubis, os cinco são de ponta, e um tavoleta: pesou sete onças, cinco oitavas, e vinte e quatro grãos.

Seis braceletes de oiro pequenos, abertos, es-

maltados em partes de roxeque e branco nas pontas dos mesmos esmaltes; pesaram cinco onças, duas oitavas e meia, e doze grãos.

Dois braceletes esmaltados de branco, roxeque, e verde, com dois cordõesinhos pela borda; pesaram ambos duas onças, e sete oitavas e meia de oiro.

Outros dois braceletes esmaltados de roxeque e branco, em rosinhas, com uns cordões enlevados pelas bordas, os quaes pesaram sete onças, quatro oitavas, e vinte grãos de oiro.

Doze manilhas de duas pregas de oiro cada uma, torcidas, as quaes pesaram um marco e meio, e uma oitava e meia.

Dois braceletes feitos na India, que tem cada um trinta rubis, um grande no meio, e vinte e um meãos, e oito miudos, que são assim em ambos por todos sessenta; pesaram cinco onças, e meia oitava.

Outros dois braceletes da India, grandes, que tem vinte e seis rubis cada um entre grandes e pequenos, e quatro esmeraldas na cabeça, e cento setenta e quatro diamantes miudos cada um; pesaram ambos dois marcos, duas onças, e tres oitavas.

Outros dois braceletes, que tem quatorze rubis meãos cada um, e um maior no meio, e vinte outros muito miudos e chãos; pesaram ambos um marco, duas onças, e uma oitava e meia.

Seis braceletes abertos de obra de lima, com uns torçaes pelas bordas, que pesaram todos um marco, e meia oitava.

Outros seis braceletes abertos, esmaltados de branco e preto, com uns fios grafilados pelas bordas; pesaram sete onças, e cinco oitavas e meia.

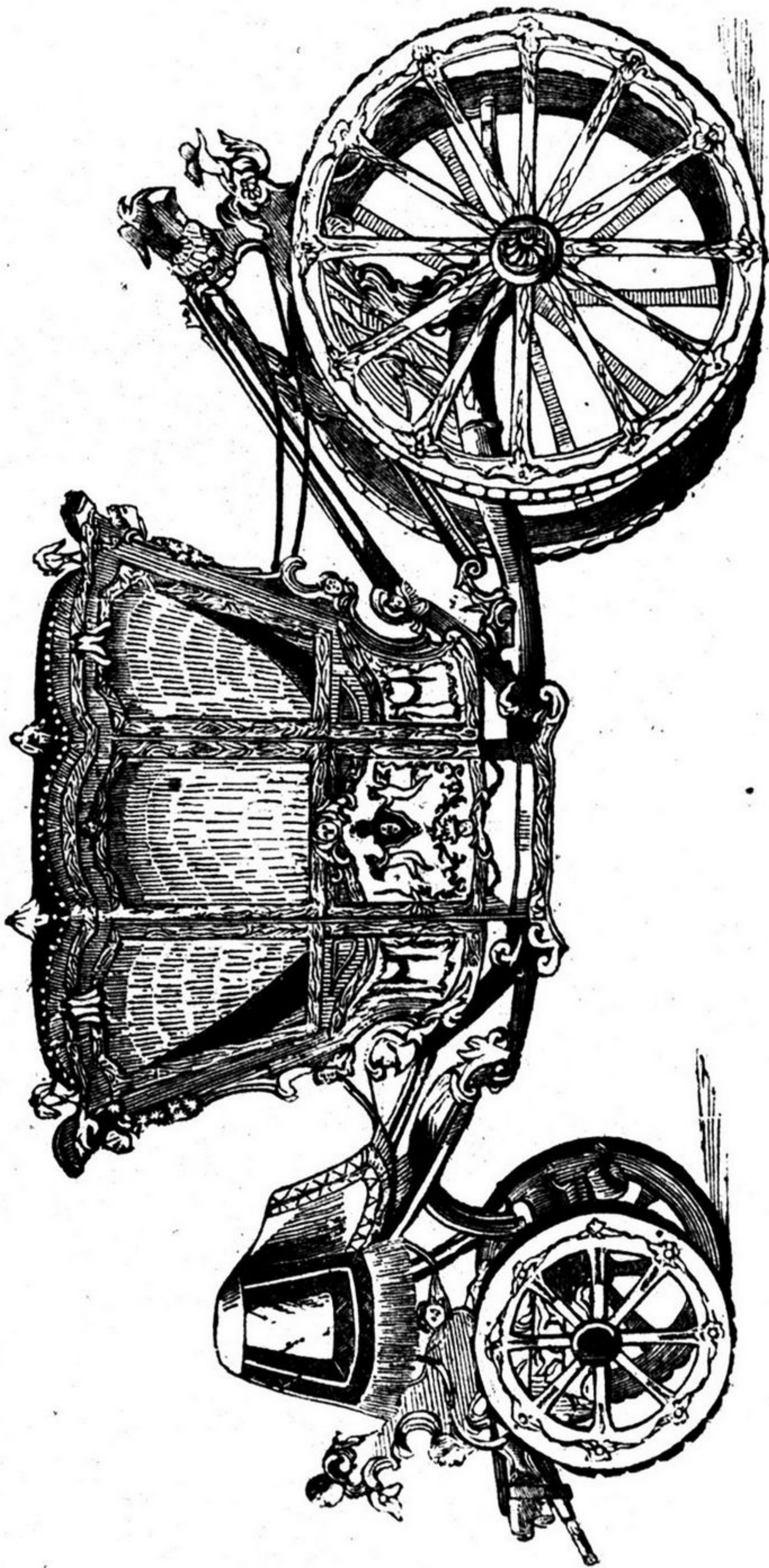
Quatro braceletes de prata e oiro, esmaltados de côres, que pesaram assim como estão juntamente seis onças, e seis oitavas.

Um bracelete da India, grande, que tem vinte e seis rubis com um grande no meio, e cento e setenta diamantes miudos, e dois balaseis; pesou dois marcos, uma onça, e quatro oitavas.

Outro bracelete grande da India, que tem vinte rubis, todos grandes, barrocos, e cento e doze diamantes pequenos, e dois olhos de gato, o qual se abre e fecha com um pino de oiro; pesou seis onças, e seis oitavas.

Dois braceletes redondos da India, que tem cento oitenta e cinco rubis ambos em tres ordens, a saber, um tem noventa e dois, e o outro noventa e tres; os quaes pesaram cinco onças, e seis oitavas e meia.

Um bracelete, que se chama de portapaz, que é de cinco peças principaes, e tem tres fivelas, e tres biqueiras, e cada biqueira com sete peças, e tem mais sete rosas de rubis, a saber: as duas de seis rubis cada uma; e a outra de doze rubis todos lavrados, e tem outras duas rosas esmaltadas de branco, cada uma com seu rubim, e mais tem nove diamantes, todos jaquelados, encastoados cada um per si, e tem mais vinte perolas; pesou sete onças, e seis oitavas de oiro.



COCHE REAL (viden.º 28.)

Dois braceletes pequenos da India, que têm ambos cento setenta e seis rubis, todos barrocos, meãos e mais pequenos, a saber: tem um noventa, e o outro oitenta e seis; e tem mais ambos cento e quatorze grãos d'aljofar ao redor: pesaram juntamente seis onças, e quatro oitavas e meia.

Duas manilhas de bufalo, guarnecidas de oiro, abertas, com quatro castões de oiro cada uma, e oito rosas esmaltadas com um abrolho em cima; as quaes tem de oiro sete...

Quatro manilhas de oiro esmaltadas, cheias de ambar, e tem cada uma oito nós e quatro pedaços com seis pinos, com que se fecham; pesaram cinco onças, e setenta grãos de oiro.

Seis manilhas de porcelana encastoadas em oiro esmaltado; e ás duas fallecem peças da porcelana; pesaram seis onças, duas oitavas, e vinte e quatro grãos.

Noves manilhas de perolas encastoadas em oiro, que pesaram todas juntamente sete onças, cinco oitavas, e setenta e seis grãos.

Cruzes, rosas, e fermões.

Uma cruz de coral com quatro castões de oiro esmaltados, com uma cruz de oiro ao longo da outra, e um gancho por onde se prende. D'esta não vem o peso, somente a avaliação, que são quatro mil réis.

Outra cruz de oiro, que tem cinco diamantes tavoletas, e o do meio é maior; pesou juntamente duas oitavas, e quarenta e cinco grãos.

Outra cruz de diamantes com quatro rosas d'elles, e em cada rosa de tres d'ellas ha cinco, e na outra, que é a de cima, ha seis, e no meio uma cruz tambem de diamantes, que tem oito, os quatro grandes, e os quatro pequenos, com quatro perolas, uma entre cada rosa, e a outra perola por pendente; pesou juntamente uma onça menos doze grãos.

Um Jesus de oiro, que tem toda uma face de diamantes, que fazem as letras, e da outra parte tem Nossa Senhora da Piedade esmaltada; pesa uma onça, duas oitavas e meia menos quatro grãos.

Uma esmeralda tavoleta, grande, perlongada, encastoadada em oiro, com tres perolas por pendentes; que pesou tres oitavas e setenta e tres grãos.

Um firmal de oiro, grande, esmaltado de verde e branco, que tem um balaes muito grande, e dez perolas, uma muito grande, e as nove mais pequenas; pesou um marco e meia oitava.

Outro firmal, feição de rosa, que tem um rubi espinela com tres perolas grossas; pesou sete oitavas e meia, e tres grãos.

Uma joia de oiro, que tem no meio uma esmeralda barroca meã, e tres perolas pendentes; pesou cinco oitavas, e doze grãos.

Outra joia, que tem um balaes grande, e uma volta de oiro esmaltado de branco, que tem umas letras escriptas, e tem mais vinte e quatro pontas de oiro de martelo penduradas, e um torçal

de oiro tirado; pesou juntamente com um pino, que tem nas costas, quatro onças, e tres oitavas e meia de oiro.

Um firmal feição de rosa, com um rubi grande, e uma perola feição de pera por pendente; pesou uma onça, uma oitava e quarenta e dois grãos.

Outro firmal feição de rosa, que tem um balaes tavoleta meão, com uma perola longa por pendente, o qual pesou uma onça, e duas oitavas.

Uma rosa de oiro com seis diamantes grandes jaquelados, esmaltados de côres, com outra perola grande por pendente; pesou seis oitavas e cincoenta e um grãos.

Outra rosa de diamantes, que tem dezeseis, e uma perola por pendente; pesou uma onça, e doze grãos.

Um camaseu com tres perolas, guarnecido de oiro, esmaltado de preto e azul, e tem nas costas um S. João com um barril; não vinha por peso, somente trazia a avaliação, que é doze mil réis.

Relicarios e contas.

Um relicario esmaltado de côres, que tem de uma parte o crucifixo com N. Senhora, a Magdalena, S. João, e S. Longuinhos ao pé da cruz, e da outra parte a visitação de Nosso Senhor a Nossa Senhora depois da resurreição; pesou vinte e cinco cruzados e meio de oiro.

Outro relicario quadrado, cheio de ambar, aberto de lima, e tem nos quatro cantos umas rosinhas do mesmo oiro de que elle é; o qual pesou tres onças, e tres oitavas.

Outro relicario de oiro, baixo, redondo, que tem de uma parte o nascimento, e da outra a imagem de Nossa Senhora; pesou com seus papéis, que tem dentro, tres oitavas e meia, e doze grãos.

Um ramal de contas de oiro cheias de ambar. a saber: vinte e oito d'ellas abertas de lima esmaltadas, e outras tantas de filagrana sem esmalte, e uma grande em cima esmaltada, sem ambar, feição de melão, com que fazem cincoenta e sete; pesaram juntamente seis onças, e cinco oitavas.

Outro ramal de contas de oiro grandes, que foram esmaltadas, e são, a saber: quarenta redondas, e uma oitavada em cima; pesaram dois marcos, duas onças, e sete oitavas.

Setenta e quatro contas de ambar, com duas rosinhas de oiro cada uma, e sessenta e quatro carredos de vidro com umas listas de oiro torcidas pelo meio, tudo em um ramal, o qual não vem por peso, somente a avaliação, que é quatro mil e oitocentos réis.

Outro ramal de contas de oiro, feição de lanternas oitavadas, esmaltadas dos martyrios da paixão; são cincoenta e quatro contas, a saber: quarenta e nove pequenas, e as cinco grandes por extremos; pesaram juntamente sete onças, e tres oitavas.

Outro ramal de contas assim feição de lanternas pequenas, abertas por quatro partes; são setenta e duas, das quaes as doze faceadas, e esmaltadas por extremos; enfiadas todas em um fio verde; pesaram quatro onças, cinco oitavas e meia de oiro.

Dez contas de prata cobertas de oiro, e uma cruz de oiro n'ellas, com as cinco chagas, e uma imagem tavoleta de oiro anilado, que tem a visitação do anjo, e um annel de prata; isto tudo juntamente vinha avaliado em tres mil e seiscentos réis sem peso.

Um relicario de oiro esmaltado, feição de retabolo, que tem duas portas, e n'ellas a saudação de Nossa Senhora de uma parte, e da outra um S. João de nacar; pesou quatro onças, e meia oitava.

Uma maçã de ambar, grande, guarnecida de oiro, com seis vergas d'elle, em que estão cento e dois rubis, e trinta e nove grãos d'aljofar grosso, e uma perola em baixo, a qual maçã está posta em um ramal de continhas miudas de filigrana cheias de ambar; pesou tudo seis onças, e uma oitava e meia.

Uma pera de ambar, comprida, guarnecida de oiro, com cento e cinco rubis, e no pé uma safira; pesou duas onças, e seis oitavas e meia.
Continua.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 9.

Conclusão.

D. Affonso II com D. Duarte.

Tem as seguintes relações. Ambos foram infelizes com irmãos; ambos tiveram desgosto com o arcebispo de Braga. Affonso II foi infeliz com as irmãs porque lhes fez guerra, e por suas desavenças com ellas, foi pela primeira vez excommungado: e tendo feito sair do reino, o arcebispo pelas que teve com elle, foi pela 2.^a vez excommungado.

D. Duarte foi infeliz com seu irmão, porque, fazendo com elle guerra aos infieis, lá o deixou prisioneiro d'elles; e foi o arcebispo de Braga, quem nas côrtes impediu, com o seu voto, o resgate do infante pela entrega de Ceuta. É 2 o numero que respeita a estes monarchas. D. Affonso morreu no 22.^o anno do seu reinado, no dia que segue 2 pares d'elles depois de 2 dezenas, no mez que segue o 2.^o em 1222: D. Duarte embarca para tomar Tanger 22 annos depois da empresa de Ceuta, aos 22 do mesmo mez, faltando 2 vezes 2 mezes para acabar o anno.

Era um grande na corpulencia, outro, na eloquencia.

D. Sancho II com D. Affonso V.

Ambos saíram do reino. Sancho, deposto pelo papa, foi morrer a Toledo; Affonso, perdida a batalha de Toro, foi pedir auxilio á França, e tomou lá a resolução de morrer para o mundo, indo passar seus dias restantes para Jerusalem. Ambos são tambem memoraveis por uma sepultura: D. Sancho teve aberta a sua, pela lealdade do vassallo, que quiz depositar n'ella as chaves de Coimbra: D. Affonso negou-a ao regente D. Pedro, duque de Coimbra, por ter sido morto na suspeita de faltar-lhe á lealdade de vassallo.

Ambos tiveram relação com um Fernando Santo. D. Sancho 2.^o recebe Chaves que lhe restituiu o santo rei Fernando de Castella; Affonso V toma Arzila, e resgata, com os prisioneiros mais dignos, o corpo do santo principe D. Fernando; que morrera em Ceuta.

D. Sancho faz guerra aos moiros no Algarve pelo seu general Payo Corrêa; D. Affonso fez guerra aos moiros de Africa, e tomou as mulheres, e filhos de Mulei Xeque (com as quaes, e um dos filhos resgatou o corpo do infante); D. Sancho tambem teve uma mulher tomada, mas foi a sua, que Portocarrero lhe levou para onde não mais se soube d'ella. Ambos tiveram regentes: D. Sancho, quando deposto; D. Affonso, na sua menoridade. D. Sancho II, nomeou-se Capello; D. Affonso V, não o teve de doutor, mas foi o primeiro rei que reuniu livraria no paço.

D. Affonso III e D. João II.

Este D. Affonso foi o primeiro monarcha portuguez, que juntou aos seus titulos, o de « rei dos Algarves: » o primeiro que juntou aos seus o de « senhor de Guiné » foi D. João II. A estes dois reis foi memoravel Cascaes: a D. Affonso, porque tendo casado com D. Beatriz, a condessa de Bolonha, sua primeira mulher ainda viva, pediu ao papa que lhe annullasse aquelle casamento, e chegou a vir até Cascaes para impedil-o; a Cascaes chegou D. Affonso V, pae de D. João II, tendo-se este já aclamado rei, estando o mesmo Affonso em França, onde tambem fôra deixada por seu marido a condessa de Bolonha. Se um d'estes monarchas, foi restaurador, inteirando o reino: o outro foi grande, estendendo sua navegação até ao cabo de Boa Esperança.

D. Diniz e D. Manuel.

O primeiro em guerra com o filho; o segundo peregrinando pelos maus auspicios do seu a Compostella. D. Diniz fundou a ordem de Christo; D. Manuel recebe a da Jarreteira de seu cunhado Henrique VIII de Inglaterra, e a da Tosão d'oiro de Carlos V tambem cunhado seu. Foi D. Diniz denominado Lavrador, como se se dissera, rei

para a terra, promovendo a agricultura, fundando a universidade; D. Manuel denomina-se afortunado, e assim o foi, na sua *esperança do mar*. —teve um Gama, um Duarte Pacheco, um Francisco d'Almeida, e um Affonso d'Albuquerque. D. Manuel chorou por um piloto, e por ser inclinado ao mar, nem por isso se esqueceu da terra, onde fez muitas edificações que oppõe á universidade que fundou o correspondente monarcha.

D. Affonso IV e D. João III.

D. Affonso achou um ministro que lhe reprehendeu o vicio da caça; e corrigiu-se: D. João teve um valido que lhe lançou em rosto a pobreza do senhor de Azambuja, que tinha prestado relevantes serviços á corôa. D. Affonso IV denomina-se o Bravo, e achou-se na batalha de Tarifa, ou do Salado; D. João mandou uma esquadra sua, commandada por Antonio de Saldanha, para auxiliar a Carlos V, e repor no throno o rei de Tunis, desthronado por Barbarossa, e, pela bravura dos portuguezes, frustrou o aparato de guerra, com que Solimão 2.^o imperador dos Turcos saíra do mar Roxo. Affonso IV foi cruel com D. Ignez de Castro; D. João III foi-o com os judeus, instituindo em Evora, (capital da provincia opposta á Beira, capital Coimbra,) o tribunal da inquisição. D. Affonso reformou-se a si; D. João III reformou a universidade. D. Affonso IV visitou a mãe infeliz que tencionava roubar aos filhos; D. João III visitou de gala, a viuva, para conserval-a ao filho, ainda por nascer.

D. Pedro I e D. Sebastião.

Ambos tiveram dois II, e Coimbra figurando nos seus reinados. No de D. Pedro, Ignez de Castro, e Coimbra; no de D. Sebastião, os Jesuitas, aos quaes foi entregue em Coimbra o collegio das artes, em 1555. No reinado de D. Pedro, Ignez depois de morta foi rainha; no combate em que se perdeu D. Sebastião, o rei inimigo commandou depois de morto ainda a peleja contra o de Portugal.

EXPEDIÇÃO DE VASCO DA GAMA.

Continuação.

Mombaça está situada n'uma bahia, e levantada em alta rocha, quasi cercada de mar, tendo o porto defendido por uma fortaleza bem fornecida de toda a casta de munições de guerra, com infinda guarnição. Seu territorio é fertil, e produz varia qualidade de fructos e vegetaes; abunda em gados; a agua é excellente, o clima temperado, o ar sadio, e os habitantes vivem em casas edificadas ao modo das da Europa, com muita variedade de pinturas.

Apenas a nossa esquadra ahi ancorou, uma galera, tripulada por cem homens vestidos á tur-

ca, e armados de escudos e cimitarras, se dirigiu á força de remos para a nau almirante. Tel-a-hiam abordado galhardamente se as ordens do almirante lh'o não impediram; pois recusou receber mais de quatro, obrigando-os primeiro a largarem as armas antes de subirem á nau. Muitos elogios fizeram elles a Gama por esta precaução, que dava a entender da parte do capitão grande prudencia; e lhe disseram que seu rei, informado da chegada, os enviara a felicitá-lo, e offerecer-lhe alliança: ao que o almirante respondeu que a accetaria com grande prazer. No dia seguinte vieram outros deputados com refrescos em prova da amizade do rei, que desejava se aproximassem á cidade e ancorassem no porto, para mais facilmente lhes testemunhar sua boa vontade. Gama respondeu com medido reconhecimento; prometeu satisfazer aos desejos do principe; e em prova de confiança enviou dois dos degredados que levava, que receberam do rei grande hospitalidade. Ordenou elle a alguns de seus vassallos que os acompanhassem a ver a cidade, e encarregou os nossos deputados de levarem ao Gama uma amostra de todas as especiarias, para o induzir a commerciar com os seus subditos, o que melhor seria do que ir mais longe, e correr perigos de arriscada viagem.

Satisfeito o almirante das noticias que lhe deram de tal recepção, mandou suspender ferro, e entrar no porto; porém como a força da mare ameaçou varar-lhe sua nau em terra, ordenou que de novo se ferrassem velas, e lançasse ferro; no que os outros dois navios lhe seguiram o exemplo. Os pilotos de Moçambique vendo executar-se esta ordem, e suspeitando descoberta a traição, lançaram-se ao mar, e foram recolhidos pelos naturaes nos seus barcos, indo lançal-os na praia fronteira, apesar da intimação de Gama para lhe entregarem aquelles fugitivos. Este acontecimento descobriu os perfidos designios do rei, cuja affectada cortezia era dissimulação, porque, instruido do que se passara em Moçambique, formara tenção de destruir no seu porto os portuguezes. Vendo o projecto abortado, mandou á meia noite um destacamento em pequenos bateis picar a amarra á esquadra, o que se não pôde levar a effeito por serem presentidos pela vigilancia e actividade do almirante, que apenas pôde saiu da bahia, e se dirigiu para Melinde. Na viagem aprisionou um navio arabe, ao qual depois deu a liberdade, contentando-se em guardar só quinze prisioneiros, um dos quaes era homem de distincção, e que lhe deu instrucções mui uteis para o resto da viagem.

Continua.

F. D. D'A. E ARAUJO

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.